



VOZ

de

ANTAS

maio-junho 2012
3ª Série - Ano XXXVI - n.º 249
ISSN 2182-4746



Taxa Paga - 4740 ESPOSENDE

Preço Avulso: 1,50 Euros

«QUE TE FIZ EU?»

1. O recente inquérito sobre as opções religiosas dos portugueses, elaborado pela Universidade Católica Portuguesa, a pedido da Conferência Episcopal, merece ser lido e analisado. Sem entrar nos detalhes, percebe-se uma tendência para a diminuição do número de católicos em Portugal, o seu envelhecimento, a sua concentração no Norte do país, a sua prevalência nas aldeias e vilas e a predominância das mulheres.

2. Conjugando estes elementos com outras tendências – como a cada vez menor aceitação de aspectos essenciais da doutrina da Igreja mesmo por parte de muitos católicos – percebe-se que nas próximas décadas deverá continuar a acentuar-se este modelo: diminuição do número de católicos, comunidades cristãs cada vez mais pequenas e envelhecidas, maior irrelevância da Igreja no espaço público...

3. Perante este quadro, vem-me à memória o cântico de Sexta-Feira Santa, preparando a adoração da cruz. De modo poético, apresenta a tristeza com que o Senhor se dirige ao seu povo, interrogando-o: «Que te fiz eu, para me abandonares? Não te tirei da terra do Egipto? Não te alimentei no deserto? Não te dei uma terra boa e espaçosa? E tu, cravaste-me num madeiro!... Meu povo, que te fiz eu?!».

4. Olhando as nossas assembleias litúrgicas sempre menores em número de fiéis, vendo o modo como vivem tantos dos que se dizem católicos, ignorando aspectos essenciais do ensinamento da Igreja, escutando o ruído das desavenças, das recriminações, percebendo a força das inimizades, vendo como o Evangelho é ignorado no dia-a-dia e cada vez mais se vive segundo o espírito do tempo e os ídolos do momento... Jesus pode hoje perguntar-nos: «Que vos fiz Eu? Acaso não vos dei a mais santa e humana

Continua na pág. 2

PASTORAL DA FAMÍLIA

A Pastoral da Família, no passado dia 19 Março, Dia do Pai, visitou alguns Pais da nossa Paróquia (cerca de 20), que se encontram doentes, debilitados, que passam por momentos mais difíceis; no dia 06 de Maio, Dia da Mãe, nos mesmos moldes, visitámos as mães (cerca de 50) que se encontram em circunstâncias idênticas. Pretendemos, com estas visitas, apenas levar uma mensagem de solidariedade, uma palavra de conforto, um sorriso... São algumas horas do nosso tempo, bem gastas na companhia de tantos, que por vezes, apenas precisam que os ajudem a “matar” o tempo; presenteiam-nos com histórias e peripécias dos tempos idos; incutem-nos esperança e transmitem-nos valores. Sentimos, que visita após visita, somos cada vez mais bem recebidos; são, para nós e para eles, momentos de grande alegria, de partilha... e, os laços de amizade e cumplicidade vão-se fortalecendo. Agradecemos a todos, bem como aos seus familiares, por nos proporcionarem tão agradáveis momentos de convívio. Que S. José e Maria nossa Mãe, vos recompensem e vos confortem.

JUNTAR FREGUESIAS? Nada de novo!

No Diário do Governo n.º 281, de 11 de Dezembro de 1867, sendo rei de Portugal D. Luís I e 1.º ministro Fontes Pereira de Melo, veio publicado um decreto do Ministério dos Negócios do Reino, assinado pelo ministro João Baptista de Carvalho Mártens, que juntava às 15 “paróquias eclesiásticas” do concelho de Esposende, 7 do de Barcelos. Para efeitos administrativos, as 22 ficavam reduzidas a apenas 6 “paróquias civis”.

cont. na página 2

CATEQUESE

Página 2

Há 100 anos faleceu o grande
benemérito de S. Paio de Antas
MANUEL JOSÉ ALVES DE AZEVEDO

Página 5

O Mundo à nossa volta
BUSCAR O ESSENCIAL

Página 8

C A T E Q U E S E

Após a vivência da quaresma e da páscoa da ressurreição iniciamos, no dia 14 de abril, o terceiro período da catequese com a celebração da via sacra da luz. No recinto do adro, colocamos os calvários que tinham assinalado, durante a quaresma, nos diversos locais, a via sacra da paixão, transformados em cruzeiros floridas anunciando a alegria da ressurreição.

No mês de Maio, a catequese e o grupo de jovens dinamizarão, ao sábado, a recitação do terço. Assim, no 1º sábado, a recitação do terço estará a cargo dos adolescentes e crianças dos 2º, 5º e 9º anos. Neste sábado, o grupo de jovens, que terá a seu cargo os cânticos, não estará presente por se encontrar a participar no Fátima Jovem. No sábado, 12 de maio, organizaremos uma procissão de velas, no recinto do adro, com a presença de toda a catequese e para a qual convidamos toda a

comunidade paroquial. Dia 19 de maio a recitação do terço estará a cargo do 1º, 6º e 10º anos e no dia 26 será a vez do 3º, 4º, 7º e 8º anos.

Estamos a aproximarmos, a passos largos, das festas finais de cada ano. **Aproveitamos para relembrar a obrigatoriedade da presença de todas as crianças e adolescentes nas festas relativas ao seu ano de catequese.** Para que todos estejam devidamente informados aqui deixamos, mais uma vez, as datas previstas para cada uma:

27 de maio – festa da vida - 8º ano

2 de junho – celebração na força do espírito – 9º ano

3 de junho – festa do pai nosso – 2º ano

9 de junho – festa das bem aventuranças - 7º ano

10 de junho – festa da eucaristia/ 1ª comunhão – 3º ano

16 de junho – festa da palavra - 4º ano

17 de junho – festa da fé – 6º ano

23 de junho – festa da família – 1º ano

24 de junho – celebração da esperança – 5º ano

Durante o mês de junho estarão abertas as inscrições para o 1º ano da catequese. As fichas de inscrição estarão disponíveis na sacristia. Podem inscrever-se todas as crianças com 6 anos ou que os façam até 31 de dezembro.

Tal como acima dissemos, no dia 12 de maio, faremos uma procissão de velas. Pretendemos que o andor da Senhora de Fátima seja feito com as flores dos nossos jardins. Quem quiser colaborar deve falar até ao dia 10 de maio com os catequistas.

Vamos oferecer à nossa Mãe as nossas flores mais bonitas!

«QUE TE FIZ EU?»

cont. da 1ª pág.

de todas as leis, a lei do Amor? Acaso não fui a rocha que amparou os vossos pais, os pais dos vossos pais e dos vossos avós, através de tempos bons e maus, na fartura e na miséria? Acaso não morri por vós numa cruz? Acaso não ressuscitei, para que todos possam conhecer a felicidade eterna junto de meu Pai? Que vos fiz Eu?!

5. Jesus não prende ninguém, não força a liberdade. Quando muitos dos que O seguiam se afastaram d'Ele, dizendo: "São duras estas palavras. Quem as pode suportar?", Jesus não fez nada para os reter, não mudou os seus ensinamentos, para lhes tentar agradar. Simplesmente, perguntou aos seus amigos mais chegados: «Também vós quereis ir embora?» Sabemos a resposta de Pedro. Oxalá sejamos capazes de dizer com ele: «A quem iremos, Senhor. Só Tu tens palavras de vida eterna» (cf. João 6, 60-68).

JUNTAR FREGUESIAS? Nada de novo!

Ficava o concelho de **Esposende**, no distrito do **Minho**, constituído por 6 freguesias, cada uma com o seguinte número de fogos:

Antas, 634 (Antas, 187; Belinho, 151; Forjães, 219; Mar, 77)

Cristelo, 494 (Barqueiros, 187; Cristelo, 225; Rio Tinto, 82)

Esposende, 881 (Esposende, 361; Gandra, 58; Gemeses, 166; Marinhãs, 296)

Fão, 911 (Apúlia, 341; Fão, 424; Fonte Boa, 146)

Palme, 732 (Banho, 28; Fragoso, 267; Palme e Feitos, 201; Vila Cova, 236)

Vila Chã, 424 (Curvos, 102; Palmeira, 149; Vila Chã, 173).

Apenas uma nota: O governo caiu no dia 4 de Janeiro seguinte e a lei foi revogada.

CELEBRAÇÕES BATISMAIS

17 de Março de 2012: Simão Viana Cruz, filho de Sérgio Neiva da Cruz e de Maria Inês Peixoto Lima Viana. Padrinhos: Carlos António Neiva da Cruz e Maria Manuela Sá Laranjeira Cruz.

7 de Abril de 2012: Maria Fernandes Sampaio, filha de João Luís Neiva Sampaio e de Susana Rodrigues Fernandes. Padrinhos: José Ricardo Neiva Sampaio e Ana Sofia Rodrigues Fernandes.

21 de Abril de 2012: Clara Martins Costa, filha de Filipe Miguel Martins da Costa e de Sara de Sá Martins. Padrinhos: Ricardo José Martins da Costa e Patrícia Daniela da Costa Brás.

FICHA TÉCNICA

VOZ de ANTAS

DIRETOR / EDITOR:
MANUEL DE BRITO FERREIRA

PROPRIEDADE:
Fábrica da Igreja Paroquial
de S. Paio de Antas - Esposende

REDAÇÃO/ADMINISTRAÇÃO:
Manuel de Brito Ferreira
Telefs. 253871438-965 888 508
pe.brito@sapo.pt

Gonçalo Fernandes
Telefs. 253 871 887 / 933 258 057
gf@utad.pt

DEPÓSITO LEGAL: 18 861/84
ISSN: 2182-4746

COMPOSIÇÃO / IMPRESSÃO:
TIPOPRADO - Artes Gráficas, Lda.
Lugar do Barreiro, Rua 1 - VILA DE PRADO
Apartado 6-Telef. 253929140 - Fax 253929149
www.tipoprado.com - geral@tipoprado.com

AS NOSSAS MEMÓRIAS

Voltamos, este ano, a atualizar a lista dos nossos Conterrâneos que atingem a bonita idade de oitenta anos.

Continuamos a pensar que são o garante das "Nossas Memórias".

Pode ser que na lista se encontrem algumas incorreções ou a falta de algum nome

Se assim fôr, gostaríamos que nos corrigissem.

A todos os que fazem parte desta "Lista de Honra", os Parabéns daqueles que esperam lá chegar!!

LUGAR DA PEREIRA

Manuel Cruz Azevedo
05/05/1927
Rosa Pires
12/05/1927
Maria Celina Cruz Viana
04/12/1928
Bernardo Azevedo Viana
16/08/1929
Rosalina Santos Neiva
06/07/1930
Amélia da Cruz Azevedo
28/07/1930
Amândio Afonso Sampaio
04/03/1931
Manuel Azevedo Neiva
22/03/1931

LUGAR DO MONTE

António Gonçalves Torre
12/10/1917
Alzira Cruz Viana
21/12/1922
Maria Pires Vieira
16/07/1923
Domingos A. Cruz Igreja
04/11/1924
Brasilina Rodrigues
17/11/1924
Cândida Cruz Azevedo
16/03/1925
Maria da Conceição Alves
Cruz Cerqueira
01/05/1926
Emília da Costa Meira
25/05/1926
Cândido Narciso Novo
19/09/1926
Maria Augusta Rolo Costa
25/11/1926
Albino Simões Vieira
17/08/1928
Maria de Fátima
Delgado Freire
13/09/1928
Belandina da Costa
08/01/1929
Eurico Pinheiro da Silva
17/06/1929
Armando Pires Vieira
03/08/1929
António Rodrigues
Meira Viana
16/11/1929
Emílio Meira
da Cruz Saleiro
03/05/1930
Manuel Narciso Novo
26/05/1930
Olívia Gomes Laranjeira
13/04/1931

Manuel José Cardoso de
Azevedo
25/10/1931
Maria Leontina Viana
da Cruz 29/07/1932
Engrácia Santos Costa
14/08/1932
Davide da Costa Rolo
29/10/1932
Manuel Jaques Vieira
15/11/1932

LUGAR DA IGREJA E LUGAR DE CIMA

Maria Ribeiro Agra de Faria
07/11/1918
Amélia Vaz Saleiro
10/07/1925
Arminda Rodrigues Sampaio
11/03/1927
José Lourenço Faria
18/04/1927
Olívia Rodrigues Sampaio
12/07/1928
Maria Saleiro de Barros
09/11/1928
Maria da C. Moreira Faria
22/03/1930
Cândida Alves Cruz
24/06/1931

LUGAR DA ESTRADA

Maria C. L. Rodrigues Ferreira
04/09/1917
Maria Pires
31/01/1920
Olívia Cerqueira Costa
05/02/1920
Maria Alves Faria
05/03/1922
Adelina Pereira Sá
08/10/1922
Clara da Costa e Silva
12/12/1923
Maria Emília Barros Faria
11/04/1926
Rosária Gonçalves Costa
13/05/1926
Maria A. Pires Azevedo
10/11/1926
Rosa Martins
09/05/1927
Rosária Rodrigues
de Abreu
06/06/1928
Manuel Ferreira de Brito
10/02/1930
Alfredo Cerqueira da Cruz
07/02/1932
Maria Elvira B. Costa
28/03/1932

LUGAR DE BELINHO

Rosa Ferreira
01/04/1913
Emília R. de Almeida
04/07/1920
Isaura da Silva
21/12/1920
Maria Teresa da Costa Silva
Carvalho C. de Oliveira
15/03/1922
Maria Cruz Azevedo
06/06/1923
Manuel Martins Abreu
13/02/1926
António Fernandes Gomes
09/03/1926
Maria Lurdes G. Laranjeira
18/09/1927
Cândida G. Laranjeira
04/11/1929
Augusto Alves Cruz
11/02/1930
José do Cruzeiro Júnior
06/02/1931
Bertelinda Silva Laranjeira
19/08/1932
Maria Amélia Gonçalves
Ferreira 02/11/1932
Manuel Laranjeira Gomes
15/11/1932
Maria Cândida G. Pereira
25/11/1932

LUGAR DE AZEVEDO

Cândido Meira Viana
16/03/1925
Isaura Ribeiro Faria
04/03/1920
Manuel António
Laranjeira Amaro
02/04/1920
Prazeres Ribeiro Vale
02/05/1921
Clara Alves da Cruz Viana
03/12/1921
Luciano Narciso Gomes
25/05/1922
Albertina Lourenço Faria
01/12/1924
Amélia Costa Cruz
07/12/1924
Alice Azevedo Viana
17/02/1925
Hilário Afonso Sampaio
17/04/1925
Maria Rodrigues Dias
20/05/1926
Basília Azevedo Viana
06/08/1926
José Afonso Vaz Saleiro
12/08/1926
José Alves Rolo Afonso
04/03/1927
Aurélio Almeida T Neiva
21/07/1927
Maria Celina da Silva
08/11/1927
Maria Lourenço da Cruz
20/11/1927
Emílio Rolo Azevedo
14/07/1928
António Fernandes de Sá
08/10/1928

Umbelina Dias Pereira
18/12/1928
Clara da Cruz Neiva
20/01/1929
Olinda Rodrigues Ferreira
15/04/1929
Maria Ester N. de Azevedo
07/01/1930
Horácio Alves Rolo
12/05/1931
Maria de Lurdes
Pereira Viana
23/06/1931
Emília Cruz Viana
23/10/1931
Amélia Cruz Rolo
25/07/1932
Basílio Cruz Neiva
21/08/1932
Manuel Gonçalves Pereira
24/09/1932
Cândida Alves Laranjeira
13/11/1932

LUGAR DE GUILHETA.

João Pereira S. Meira
12/12/1921
Ermelinda Moreira
03/04/1917
Joaquina Graça Martins
15/01/1919
Manuel Alves Caseiro
19/12/1919
Amândio R Meira
21/12/1919
Benvinda Freire Simão
28/10/1920
Gracinda Portela Lopes
13/09/1922
Manuel Alves da Cunha
11/12/1922
Rosária Rodrigues Meira
26/01/1923
Manuel Gonçalves Chasco
10/01/1924
Rosa Gonçalves Meira
14/03/1924
Maria Alves Rolo
18/10/1924
Maria Pereira da Silva
29/10/1924
Ermelinda Marques Sousa
17/02/1925
Isménia de Jesus Costa
01/03/1925
Virgínia Maltez Torres
30/03/1925
Vitória Martins Pereira
14/04/1925
Maria Martins
24/04/1925
Maria Fernandes Alves
30/04/1925
Maria Adelaide C. Salgueiro
18/08/1925
Domingos Pires Laranjeira
"Júnior" 11/11/1925
Aida Rodrigues Meira
22/01/1926
Carolina Alves Vieira
13/06/1926
Félix Cruz Hermenegido

cont. na pág. 7

Há 100 anos faleceu o grande benemérito de S. Paio de Antas MANUEL JOSÉ ALVES DE AZEVEDO

(continuação do número anterior)

A instalação em Antas

Quando, em 1889, Manuel José Alves de Azevedo tomou posse da herança, já a freguesia de Antas tinha sofrido grandes alterações: – na estrada de Esposende a Viana, aberta há 10 anos, entroncava outra, vindã dos portões da Quinta de Belinho pela frente da capela da Senhora dos Remédios; – perto desse entroncamento, um edifício novo servia de escola e casa do professor; – a velha e pequena igreja era agora um templo imponente, quase concluído; – o adro tinha sido aumentado e construído o cemitério, cujo portão ele oferecera em 1884; – a atividade das azenhas e engenhos do rio Neiva, devido à “estrada nova”, era mais intensa; – havia uma nova indústria, a de pirotecnia; – e até uma banda de música alegrava este ambiente de progresso.

Porém, a ligação da cidade do Porto a Antas não era fácil. O mais rápido e cómodo meio de transporte era o comboio até à estação de Darque. Só depois de inaugurada a ponte de Fão, em 7 agosto de 1892, é que o sr. Azevedo pôde concretizar a aspiração de vir com a sua família passar amenas férias na terra natal. Logo mandou altear e ampliar a casa térrea, no lugar de Azevedo, que fora de seu avô José Alves de Azevedo Crespo, e que seus pais nunca habitaram, pois sempre residiram no lugar de Belinho na que lhes foi cedida pela Quinta dos Cunhas. Em 1894 alargou o respetivo eirado, por compra de terrenos para norte, que logo mandou murar, ficando o conjunto conhecido por “Quinta dos Azevedos”.

Já anteriormente estabelecera fortes laços de amizade com o dinâmico reitor P. Bento José da Mota, à frente da paróquia desde o Natal de 1878, e com o seu jovem coadjutor P. António Martins Ledo. Estes, pároco e cura, no seguimento do referido ambiente de progresso, conseguiram, com o trabalho e ajudas financeiras dos paroquianos, transformar as acanhadas instalações paroquiais num amplo e desafogado espaço. O P. Bento, nas suas memórias, ao revelar as dádivas das casas mais abastadas de Antas, lembrava que “o ilustríssimo senhor Manoel Alves d’Azevedo, negociante na cidade do Porto, filho desta freguesia, também tem dado provas dum excelente patriota: deu o portão de ferro para o cemitério, deu o lustre que está na capela mor, tem dado toalhas, castiçais e muitos objetos para a igreja, e é sempre um dos primeiros a oferecer-se e a pedir os melhoramentos na casa de Deus”.

A primeira notícia da sua estada em Antas é dada pelo professor da Escola Barão de Maracanã, António Meira da Rocha, no semanário “O Povo Espozendense”, de 12 de julho de 1896. Foi pela célebre festa a N. S. das Vitórias, no dia 5, a primeira depois de concluídas as obras da igreja. No mesmo jornal de 15 de agosto seguinte, reporta a instalação de um pára-raios na torre nova da igreja, “oferecido pelo Exmo. Sr. Manuel José Alves d’Azevedo, acreditado negociante no Porto e aqui importante proprietário”. Também o P. Bento o confirma: “Logo que os pedreiros retiraram, o ilustríssimo senhor Manuel José Alves d’Azevedo, negociante no Porto, e que já se tinha definido como bom patriota, mandou colocar (tudo à sua custa) um bom pára-raios; Deus Nosso Senhor



o defenda de todos os perigos assim como ele procura a defesa da sua igreja”.

Também o P. Ledo lhe estava particularmente grato. Quando em 19 de setembro de 1897 se fez a primeira festa à Senhora dos Remédios, celebrando 18 anos de sacerdócio, “ao sair a procissão, a imagem (que era de louça) sofreu um desastre, ficando feita em pedaços. Presenciando este acontecimento, o filho desta terra Manuel

José Alves d’Azevedo, residente no Porto e acidentalmente com a sua família nesta freguesia, prometeu que, a expensas suas, mandaria esculpir uma nova imagem de madeira”. E assim fez. Na festa do ano seguinte saiu em procissão da igreja paroquial “a nova e bela imagem da Senhora, mandada esculpir pelo benemérito Sr. Manuel José Alves de Azevedo, natural desta freguesia e residente no Porto, e adornada de um rico e elegante manto de seda bordado a ouro e oferecido por sua Exma. filha D. Maria, e de uma linda coroa de prata oferecida pela Sra. D. Maria, antiga comensal dos mesmos senhores, com destino à sua capela que para esse fim acaba de ser reedificada e elegantemente adornada”.

Esta notícia de “O Povo Espozendense”, pondo em relevo a família Azevedo, provocou no principal visado um pedido de inclusão de um artigo seu no mesmo jornal, para realçar os nomes de outras pessoas de prestígio que colaboraram na festa, nomeadamente a família da Casa de Belinho, e a família Barros, da Casa da Paia. A partir de então, assinando A. A., o Sr. Alves de Azevedo passou a colaborar com “O Povo Espozendense”, substituindo o professor Meira da Rocha como correspondente, esporadicamente durante as férias de verão e, definitivamente, a partir das de 1902, quando o professor se aposentou. Dos cerca de 40 artigos publicados, o último é de 22 de junho de 1906 noticiando a morte e funeral de D. Inácia da Cunha Sottomayor.

A estrada para a igreja

Uma aspiração do Sr. Azevedo era que se construísse uma estrada secundária que, passando pela igreja, ligasse as principais que passavam em Antas e em Forjães. A Câmara, progressista, dava o seu acordo. Alvitram-se vários traçados. Um deles era iniciá-la em Belinho, junto à capela de Santo Amaro, seguindo pela Portela mas evitando a igreja. Outro era fazê-la a partir da capela da Senhora dos Remédios, saindo da que ia dos portões da Quinta ao entroncamento do Neveiro. Desviaria para o lugar do Monte, pelas cangostas dos Agrads e da Feira em direção a Talhós, e

daí para Forjães. O Sr. Azevedo insistia que deveria passar o mais perto possível da igreja. Disso convenceu o diretor das obras públicas e o chefe da conservação das estradas, quando cá vieram definir o traçado em 14 de julho de 1899. Logo no dia 17 começaram as marcações. Foi o próprio Sr. Alves de Azevedo a revelar em "O Povo Espozendense" que *"pelas marcas feitas no terreno vemos que os trabalhos seguem mais ou menos as indicações que tivemos a honra de lembrar, há tempo. O acidentado do terreno impossibilita a estrada de se aproximar, tanto quanto era para desejar, da igreja paroquial. No entanto, fazendo-se ela como tanto é mister, nessa ocasião e com um pouquinho de boa vontade e ajuda do povo da freguesia não será difícil, cremos nós, obter-se uma ligação razoável para a referida igreja. O traçado, como todas as coisas, não agrada a uns por lhes separar as casas da habitação dos seus eirados; a outros agrada por lhes valorizar os seus terrenos. Enfim, descontentes sempre os há-de haver.*

Descontente ficou ele quando soube que, apesar do seu empenho, a estrada não passaria do portão do adro. Frustrado, escreveu no mês seguinte: *Tem-se instado com várias situações políticas (então eram os regeneradores que estavam no poder), para que se faça uma ligação da estrada que atravessa esta freguesia com a que atravessa Forjães. Baldados esforços. Conseguimos apenas que à custa do trabalho gratuito dos povos destes sítios se façam alguns centos de metros duma estrada que se destina até à igreja paroquial; e isto com a morosidade de quem trabalha de graça.*

As obras só começaram a 25 de agosto de 1902 e, em 1 dezembro de 1904, embora inacabadas permitiram a utilização da estrada pelo Sr. Arcebispo Primaz D. Manuel Baptista da Cunha, aquando da visita pastoral à freguesia. Concluídas no fim de março de 1905, queixou-se o Sr. Azevedo: *Pararam por completo as obras na estrada que desta freguesia deverá ligar-se a outra em Forjães. Pena é porque, como está, de pouco serve.*

A indústria da manteiga em Antas

Em julho de 1898, José Barbosa Viana, de Âncora, pediu à Câmara de Esposende para o isentar do imposto sobre o leite que iria comprar aos lavradores para uma desnatadeira que pretendia estabelecer em Antas. Apesar de a Câmara alegar não ser das suas atribuições conceder-lhe a isenção, a desnatadeira foi mesmo instalada em finais de agosto de 1898 no lugar da Estrada, no local onde depois Manuel Pereira Viana mandou construir a sua casa e loja de ferragens. O próprio industrial o revelou em carta de 28 de outubro de 1898, dirigida ao professor Meira da Rocha que a publicou em "O Povo Espozendense": *"Estabeleci nesta freguesia, há cerca de dois meses, a pequena fábrica de desnatção ou fabrico de manteiga, que V. já visitou, e que é privilegiada pela Direção Geral d'Agricultura, como consta de um diploma que tenho em meu poder quanto a direitos ou impostos industriais, sendo a primeira, como é, que se estabeleça em qualquer concelho do país".*

Quando, a 16 de setembro de 1899, saiu em Esposende o primeiro número do semanário "O Progresso", Barbosa Viana aí inseriu propaganda da sua desnatadeira com o pomposo título de "Fábrica de Desnatção de Leite em S. Paio d'Antas – Esposende, sucursal da Empresa Ancorense de Cannas, Affonso e C.^ª". Esta empresa era uma fábrica de

manteiga, instalada desde 1894 em Vila Praia de Âncora, no largo da Estação.

As relações entre o professor e o industrial azedaram-se. No mês seguinte, em "O Povo Espozendense", face à eclosão da peste bubónica na cidade do Porto, o professor insurgia-se contra a desnatadeira: *"A 10 metros de distância da casa da escola oficial existe uma pequena casa com mais de 30 porcos, cães, galinhas, desnatção de leite e outras porcarias de mistura, que exalam o mais pestilente cheiro. O leite desnatado nesta freguesia é vendido a 5 reis o litro, para alimento desta pobre gente, e a nata segue para a fábrica de Âncora".* Logo Barbosa Viana replicou em "O Progresso", classificando a denúncia anterior como *"um cúmulo de sandices e falsidades só próprias dum cérebro desorganizado"* e que *"o infeliz mestre escola começa logo a faltar à verdade, declarando que a referida casa está a distância da escola de 10 metros, quando essa distância é para mais de 100, edifício este situado em lugar isolado sem habitação alguma".*

Parece que ambos exageravam. Continuaram a afrontar-se, cada um no seu jornal. Barbosa Viana, sempre em desacordo com os impostos que recaíam sobre o leite, com a vitória eleitoral do Partido Progressista viu-se livre deles. Segundo "O Progresso", na sessão da Câmara de Esposende, de 4 de novembro de 1899, foi lido um requerimento do *"proprietário da Fábrica e Lacticínios de Antas, pedindo que o imposto de 10 reis sobre cada litro de leite seja abolido para o que for vendido pelos produtores para a sua fábrica, ficando esta também isenta de quaisquer outras contribuições municipais"*. A vereação, então presidida pelo progressista P. Manuel Martins Giesteira, reitor de Marinhas, *"acordou deferir o pedido da dispensa do imposto do leite, visto que essa indústria muito contribui para a prosperidade da agricultura deste concelho"*.

Logo na semana seguinte, em "O Povo Espozendense", o professor quis corrigir o texto: *"Quem vai lucrando é o galopim de S. Paio de Antas, José Barbosa Viana; no acórdão proferido pela Câmara Municipal [...] onde diz – visto que essa indústria muito contribui para a prosperidade da agricultura deste concelho, deve ler-se – visto que este galopim muito contribui para a prosperidade do partido progressista naquela freguesia"*.

Passado um ano, quem não tinha dúvidas era o Sr. Alves de Azevedo: *"Negar que esta freguesia e circunvizinhas não têm prosperado com a fábrica de desnatção de leite aqui estabelecida, era um cúmulo. Lavradores há que se têm dedicado ao sustento de vacas, do que tiram mui razoáveis resultados. Bom será, pois, que os poderes públicos não onerem com demasiados tributos uma indústria que, sendo aqui nova, tantos benefícios está distribuindo por estes sítios"*.

A polémica resolveu-se com a aposentação antecipada do professor em 1902 (aos 42 anos de idade, por alegada doença), e com a compra da desnatadeira pela firma "Manoel José Alves de Azevedo & Filho", em dezembro de 1903. Fiel à asserção anterior, o Sr. Azevedo propôs-se transformá-la numa verdadeira fábrica de manteiga. Embora tivesse delegado em seu filho Alfredo a gerência da Papelaria Azevedo, desde maio de 1901, é evidente que, residindo no Porto a maior parte do ano, não podia dedicar-se à nova indústria que tinha acabado de adquirir.

Ver-se-á no próximo número como se desenvolveu a "Fábrica de Manteiga de S. Paio de Antas"

Raul Saleiro

Nas mãos de Deus...

Deixaram esta morada e foram ao encontro de Deus

No passado dia 21 de fevereiro, faleceu **Olímpio Dias da Silva**, residente no lugar de Guilheta. Era filho de Pascoal Fernandes da Silva e de Rosa Dias, tendo nascido em 28/07/1950. Muito cedo, ficou órfão de pai encontrando junto dos avós paternos o apoio e o carinho necessários para si e seus irmãos, dado que a mãe teve de procurar trabalho fora do local de residência para ajudar ao sustento de seis filhos em tempos difíceis.



Em 1970, tal como muitos outros jovens, emigrou para França à procura de melhores condições de vida e, também, para evitar a guerra colonial. Só regressou ao país em 1980. Do casamento com Isabel de Jesus Vilarinho nasceram dois filhos: André e Elias.

Na manhã do dia 21 de Fevereiro, sem que nada o fizesse prever, foi chamado à presença do Pai. Na certeza de que a vida não acaba apenas se transforma dizemos-lhe: Até logo.

Manuel Rodrigues Meira

Nasceu a 08 de Julho de 1927 em Antas. Faleceu a 15 de Fevereiro de 2012 na Lar de Santo António em Forjães, onde se encontrava a relativamente três anos depois de ter sofrido um grave acidente onde faleceu sua esposa Maria Ferreira Alvarães da qual tinha contraído matrimónio em 1954.



Depois de passar a sua infância em Antas, foi trabalhar bastante jovem para Lisboa na indústria petrolífera, depois para o Porto num matadouro de onde emigrou para França em 1964. Quatro anos mais tarde a sua esposa e cinco dos sete filhos vão para junto dele (Manuel, Rosa, Fernanda, Otília e Victor) nascendo já em terras francesas a Eva e o Adão.

Trabalhou o resto da sua vida na construção civil. Em 1993 e já reformado, voltou ao país natal para gozar de um merecido descanso junto de sua esposa, na casa que ambos tinham construído no Lugar de Guilheta.

Músico, tocava clarinete e foi membro da Banda da Trofa.

Seus filhos na impossibilidade de o fazer pessoalmente, agradecem a todos quantos estiveram presentes neste momento de pesar. Que o Senhor o tenha junto de si.

A família

Acidália Maia Alvarães Laranjeira, nasceu em Antas no dia 13 de Março de 1941, filha de António Alvarães e de Maria Noémia Maia Ferreira.



Emigrou em 1971 com seus filhos Bernardo, António, Olívia e Bray para França para estar com o seu marido Napoleão que estava lá desde 1968. Neste país nasceu uma filha que se chama Letícia.

Foi uma mulher que viveu sempre para a sua família e amigos e principalmente para os seus netinhos. Tinha um grande coração, era trabalhadora, generosa, cheia de amor e muito corajosa como foi durante 3 anos com a doença do marido. Há 8 meses, não podia continuar a ajudar seu marido devido a uma doença que a surpreendeu em que não conseguiu vencer.

Ela nunca se esqueceu do seu país natal onde ela vinha todos os anos de férias. No princípio vinha para Paços de Ferreira, onde ela vivia antes de imigrar, depois tornou para a sua terra e ficou em Esposende, mas nunca se esqueceu da sua freguesia S. Paio de Antas, onde ela estava muito com a sua irmã Lúcia e família.

Que seja em França ou em Portugal, a gente gostava muito dela e nunca se vai esquecer de todos os momentos juntos.

O Senhor chamou-a no dia 20 de Abril de 2012 em França com 71 anos de idade e foi sepultada no cemitério de S. Paio de Antas.

Toda a família, filhos, netos e noras querem fazer um agradecimento à irmã Lúcia, cunhado Manuel e filhas; a irmã Inesia e todas as suas filhas e o seu filho; e a amiga Quina.

A família vem por este meio agradecer sinceramente a todos quantos estiveram presentes nas cerimónias fúnebres e a missa do sétimo dia.

Deus dê paz a sua alma.

Faleceu no dia 28 de Abril de 2012 **João Moreira de Sá** com 76 anos de idade, nasceu no dia 08 de Maio de 1935.



Emigrou para França, onde lá permaneceu onze anos, pessoa respeitadora e respeitado por todos.

Casou com Cândida Lapeiro Cunha há 50 anos, ainda teve a felicidade de festejar com a família a renovação do compromisso matrimonial e a troca de alianças, desse amor nasceram 7 filhos, era avô de 12 netos e 2 bisnetos.

Foi um pai e homem exemplar, lutador, trabalhador, generoso e sempre pronto para ajudar o próximo, um homem de fé.

Que Deus o tenha junto de Si e lhe dê a recompensa de todos os seus trabalhos.

A família vem através deste meio manifestar o agradecimento pelas demonstrações de solidariedade recebidas aquando da morte do seu ente querido.

Paz à sua alma.

No dia 27 de Março, no Hospital de Santa Luzia, em Viana do Castelo, o Senhor chamou a si aos 78 anos de idade, **MARIA ADELAIDE MARTINS FREITAS**, mais vulgarmente conhecida por "TIA LAIDA DA BINA", nascida em Forjães a 15 de Fevereiro de 1934.



Contraiu matrimónio em Antas (S. Paio), do qual nasceram treze filhos, um dos quais falecido em tenra idade, sendo doze ainda vivos, nomeadamente oito raparigas e quatro rapazes. Era Avó de 35 netos e Bisavó de 10 bisnetos.

Mulher simples e de trabalho, cuidou em sua casa no Lugar de Guilheta de diversas crianças, ajudando na sua formação do carácter e da personalidade até chegarem à idade escolar, um dever do qual retirou uma satisfação imensa.

Devido a complicações de saúde, viveu os últimos quatro anos de sua vida em casa de sua filha Adelaide, em Castelo de Neiva.

A família enlutada, profundamente sensibilizada pelas manifestações de pesar, carinho e amizade, vem por este meio, na impossibilidade de o fazerem individualmente como era seu desejo, agradecer sinceramente a todos os familiares, amigos e conhecidos que os acompanharam, ajudaram e expressaram a sua solidariedade aquando das cerimónias fúnebres do nosso ente querido, no dia 29 do mês de Março.

A família reconhecida.

AS NOSSAS MEMÓRIAS

17/07/1926 (fora)	Maria Gonçalves Martins
Alfredo Alves Moreira	Frade 03/12/1929
29/08/1926	Paulina Alves Moreira
Manuel A. Rodrigues Meira	06/02/1930
02/02/1927	Maria da Graça Machado
António Sá	Pereira de Barros
11/06/1927	06/04/1930
Maria Afonso Torres	Carolina Rodrigues Meira
01/08/1927	11/09/1930
Rosária Rodrigues Meira	Maria Gomes de Matos
19/01/1928	10/10/1930
Manuel Dias de Sá	Cândida Alves Gramoso
20/01/1928	06/01/1931
Cândida Gonçalves Dias	José Rodrigues Meira
12/11/1928	14/02/1931
Isidro Rodrigues Meira	Maria Coutinho Chasco
26/12/1928	08/06/1931
Irene Afonso Torres	Olívia Gonçalves
25/03/1929	15/06/1931
Manuel Gregório	Manuel Viana Caramalho
11/06/1929	03/05/1932
Maria Celeste Daniel	Amélia Gonçalves L. Lapeiro
03/08/1929	08/10/1932

BODAS DE PRATA

No passado dia 4 de Março, foram celebradas as **Bodas de Prata de Delfim José Alves Ribeiro e Otilia Margarida Rolo Portela**, correspondendo aos seus 25 anos de união matrimonial. Juntamente com as suas filhas e restantes familiares, procedeu-se a uma cerimónia simples presidida pelo pároco da nossa freguesia, lembrando assim o compromisso, que ambos assumiram perante Deus e a Igreja, de honrarem as promessas do Santo Matrimónio. A benção das alianças significou isso mesmo: - Continuar a ser fiel, a amar e a respeitar.



Mais do que um gesto de carinho e atenção, as bodas de prata representam o marco de uma vida de dedicação e amor ao parceiro. Delfim e Otilia recuaram ao passado nesse dia e renovaram as suas promessas.

*Pelo exemplo de vida dos nossos pais
Que sempre nos cuidaram e amaram.
Pelas lágrimas choradas, que no colo caíram
Mas sempre as limpavam e com um sorriso nos olharam.
Pelo carinho com que nos abraçam
E pelo amor que a todos dedicam.
Pelos momentos que connosco partilharam
Pelas palavras que a nós destinam
Por todos os conselhos sábios que nos transmitiram
Pela alegria que eles nos proporcionam
E pela bela história que eles construíram*

*Pelos nossos pais que são muito especiais e que tanto amamos
Muito Obrigado, Senhor*

DONATIVOS PARA A IGREJA

Desde o último número, recebemos os seguintes donativos dos paroquianos de S. Paio de Antas, contribuindo, deste modo, para ajudar na manutenção e conservação dos bens da Igreja. Especialmente nesta época tão difícil, a todos o nosso bem haja.

Nome	Morada	Euros
Confraria do Santíssimo Sacramento	Antas	1.370,00 €
Em memória e sufrágio de Manuel Rodrigues Meira, a família	Guilheta	150,00 €
Em memória e sufrágio de Olímpio Dias da Silva, sua mãe e irmão Pascoal	Guilheta	150,00 €
Anónima, em memória e sufrágio de seu marido	Monte	100,00 €
Em memória e sufrágio de Maria Adelaide Martins de Freitas, a família	Guilheta	200,00 €
Anónima	Monte	80,00 €
Anónima	Belinho	50,00 €
Elvira Barros Costa, em sufrágio dos seus familiares, no seu 80.º aniversário	Estrada	100,00 €
Anónimo	Belinho	400,00 €
Manuel Rodrigues Cachada	Santarém	50,00 €
Filipe Miguel Martins da Costa e Sá de Sá Martins e Sara Martins, processo do Batismo da sua filha Clara	Pereira	50,00 €

Continua no próximo número

O Mundo à nossa volta - BUSCAR O ESSENCIAL

Dário Pedroso, s.j.

No mundo à nossa volta – na família, na paróquia, nas estruturas da sociedade, no coração e na vontade dos homens e das mulheres, sobretudo dos crentes – parece que se perdeu o norte, o sentido do essencial. Andamos descentrados, alienados, desfocados, desintegrados. Ficamos no acessório, no acidental, no periférico, do prazer fútil, na agitação da vida, no que agrada e satisfaz apetites e gostos. Não nos centramos no essencial. Temos que voltar a ele, pois só ele nos sacia, nos preenche, nos faz viver a alegria e a paz do Ressuscitado. Precisamos de repensar a vida e as coordenadas do nosso ser e do nosso agir.

O essencial, que é invisível aos olhos do corpo, só se enxerga com os olhos da alma e do coração. E, para isso, precisamos do silêncio e do recolhimento que nos ajudam a ver em profundidade, a saborear os matizes da vida de Deus e do seu amor em nós e à nossa volta. Parece que a beleza da natureza, o rosto bonito da criança ou as rugas da cara do idoso já não nos falam da vida, do amor criador, do encanto que nos extasia. Estamos a ficar vazios de valores éticos, valores religiosos, valores da arte e da técnica, que vêm de Deus Criador. Daí a urgência de voltar à oração e à contemplação, para que a alma descubra o essencial e se deixe conduzir por ele. Daí o recolhimento e o deserto na cidade, na vida quotidiana, para nos centrarmos na loucura apaixonada do amor de Deus. É que não nos damos conta do amor, não nos deixamos envolver por ele, não o desejamos como paradigma da vida, não nos encantamos e extasiamos com ele. Precisamos de buscar o essencial.

O mundo à nossa volta perdeu o sentido da esperança porque não reza, não se deixa envolver por Deus, não se alimenta da Palavra. E sem esperança, que é algo de essencial, andamos todos mais tristes, mais vazios de sentido para a vida e para o futuro, andamos alienados. Sem esperança, e Jesus Ressuscitado é a nossa esperança, ensina-nos S. Paulo, ficamos uma «barata tonta», sem gosto de viver, sem sentido do caminho a percorrer, sem encanto que nos faça arder o coração, sem fogo na alma. Um desesperado é triste, vive amargurado, tem um rosto doentio, o coração vazio do essencial. Precisamos de ser sentinelas da esperança, buscando o essencial da vida... Sem desânimo, sem pessimismo, mesmo no meio da crise de valores, da crise económica, das muitas crises da vida.

O mundo à nossa volta perdeu o sentido do pecado. Tudo se pode fazer, pensar, realizar, passando o mal a ser bem, sem critérios de verdade, de justiça, de dignidade humana. Parece que já não importa matar o próximo, matar milhões de crianças através do aborto, esse crime abominável. Parece que já não se distingue a grandeza da castidade levada a sério, tomando com amor puro os compromissos assumidos diante de Deus e da Igreja. Como parece não ter valor o sacramento da Reconciliação, celebrado e vivido com empenho e seriedade, como necessidade da consciência de que somos pecadores e de que o pecado precisa de ser perdoado.

Buscar o essencial deve significar, sempre, mesmo para aqueles que têm repugnância e dificuldade, estar numa atitude de filial obediência à Igreja, às suas normas, às suas orientações. A norma não é o que eu ou nós achamos, mas o «essencial» está na Mãe e Mestra que nos dá a graça de uma doutrina assumida na abertura ao Espírito. Não fazemos a nossa lei mas sabemos aderir ao que a Esposa de Cristo, com a autoridade dada por Ele, nos manda ou propõe. Não é este bispo ou padre que determina a norma geral da Igreja, mas o Papa, com a autoridade de Pedro. Os grandes inimigos da Igreja estão cá dentro, quando somos infiéis e não reconhecemos o nosso mau proceder, e não temos humildade para assumir o nosso pecado, e não desejamos mudança e conversão, e nos pomos numa atitude de revolta contra a autoridade, de cedência nos grandes valores evangélicos, na falta sistemática de oração, de comunhão, de amor fraterno.

Buscar o essencial é voltar às fontes, às origens do nosso ser cristão e do nosso compromisso de consagrados levado a sério, com coragem, determinação, audácia. Sabendo que somos pecadores, frágeis, mas ter a ousadia santa de chamar mal ao mal, pecado ao pecado, infidelidade à infidelidade. O essencial é uma Pessoa, o Senhor Jesus Cristo, a sua Palavra, as suas bem-aventuranças, as suas normas, o seu amor, a sua maneira de agir que deve pautar a nossa maneira de agir sempre e em tudo. Buscar o essencial é o caminho da santidade de vida, da integridade do nosso ser de homens e de cristãos, o caminho da fidelidade que passa pela rectidão, a honestidade, a grandeza de alma, a nobreza de sentimentos.

Buscar o essencial é o único caminho que nos conduzirá à felicidade que só Deus e a sua graça podem dar. Não os falsos ou fúteis contentamentos que nos tocam, mas não enchem alma e o coração. Só se é feliz em Deus e na sua vontade. Só se é feliz quando se é fiel. E a fidelidade é-nos traçada pela boa consciência formada com os critérios da Palavra e da Igreja. O pecado, mesmo quando dá gozo e prazer, não dá felicidade nem alegria interior. Só a busca sincera e humilde do essencial é que nos dignifica e nos faz felizes com Deus e em Deus.

Buscar o essencial é encontrar alimento e norma de vida, grandeza de alma e de dignidade pessoal, na palavra do Papa Paulo VI quando, em Fátima, nos disse: «Homens, sede homens». Olhemos o mundo à nossa volta. Onde há crime, roubo, suborno, mentira, injustiça, calúnia, depravação moral e sexual não há «homens». Não há «mulheres», na dignidade das suas pessoas e dos seus actos, dos seus critérios, das suas opções e das suas vidas. E assim o essencial não se vive, não se descobre, não é norma de felicidade verdadeira e de dignidade que nos levam a caminhar para Deus e para a santidade. Busquemos o essencial.